

Do *negativo* em Freud e Green: contribuições ao estudo dos casos-limite¹

Márcia Teresa Portela de Carvalho²

Terezinha de Camargo Viana³

Resumo

As contribuições teóricas de Freud e Green advindas da concepção de negativo em psicanálise permitem o aprofundamento da compreensão do funcionamento psíquico dos casos-limite descritos na atualidade. Partindo da noção do “não” simbólico para Freud e de sua importância para a constituição do pensamento, alcançamos a noção de “trabalho do negativo” em Green. O trabalho do negativo cumpre, dentre outras, uma importante tarefa de realizar a perda do objeto primário, processo crucial para os testes de realidade. Nos casos-limite haveria um fracasso no trabalho do negativo, gerando uma dependência ou uma tentativa excessiva de exclusão do objeto primário, que não pode ser perdido para ser reencontrado. Como consequência, o autoerotismo se estabelece mal, havendo expressões do narcisismo negativo com o exercício da função desobjetalizante.

Palavras-chave: trabalho do negativo, casos-limite, narcisismo negativo, autoerotismo.

Uma edição comemorativa sobre André Green faz jus a uma dos grandes pensadores psicanalíticos dos últimos tempos. Se o que há de novo em psicanálise é Freud (Green, 1990), é porque autores como ele têm se empenhado em manter vivo o pensamento freudiano.

Um de seus temas de estudo ganhou a denominação de *trabalho do negativo* e diz daquilo que ele primeiramente formalizou como os mecanismos de defesa que atuam com linguagens diferenciadas: “recalque, forclusão (ou rejeição), negação (ou denegação), desmentida (ou recusa), cuja contextualização impõe a denominação de conjunto de trabalho do negativo” (Green, 2010, p. 36). Tomando inicialmente de empréstimo esse construto teórico da filosofia hegeliana e de alguns autores

-
- 1 As ideias desenvolvidas neste artigo são provenientes de tese de doutorado *Atualidade dos estados-limite: trauma e trabalho do negativo*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (2011), financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
 - 2 Pesquisadora Colaboradora (Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Departamento de Psicologia Clínica UnB). Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica e Cultura UnB. Psicóloga clínica.
 - 3 Professora Associada do Instituto de Psicologia, Coordenadora do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica e do Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília.

psicanalíticos anteriores a ele, também contribuiu para reconfigurá-lo e mantê-lo singularmente psicanalítico.

Para Green (1993/2010) os mecanismos de defesa são o cerne do que se pode designar por trabalho do negativo quando tomamos apenas a perspectiva do funcionamento do Eu. E por isso propõe a expansão do sentido desse trabalho para a esfera das pulsões primárias, especialmente a pulsão de morte, discutida em termos da função desobjetalizante e do narcisismo negativo. “Esse último aspecto permite lançar uma ponte entre a atividade do Eu e certas formas de atividade pulsional, se concordamos com Freud sobre a ligação do narcisismo à esfera pulsional” (Green, 2010, p. 26).

Green (1993/2010) entende que, à ampliação do alcance do ato de negar na obra de Freud ao domínio das pulsões de vida (Eros) e de morte (destruição), fez-se necessário uma expansão da compreensão do negativo para além das fronteiras do que até então tinha sido compreendido como a oposição consciente/inconsciente. O modo de constituição das relações entre o sim e o não apresentado na primeira tópica não sustentava mais o verdadeiro sentido da oposição latente/manifesto para a psicanálise. Se o *trabalho do negativo* atua no inconsciente e se a negação, segundo Freud, só existe na consciência, é preciso compreender as linguagens da negação, de modo que “a hipótese da inexistência do ‘não’ no inconsciente signifique (algo diferente de) uma pura e simples ausência de negatividade” (Green, 1993/2010, p. 39).

Do mesmo modo, completando a fala de Green, é preciso entender que o “não” da consciência significa algo diferente de uma pura e simples presença ou ausência de negatividade. Se todo não da consciência for considerado apenas um não em oposição a um sim ou se, por outro lado, todo não da consciência for considerado um sim que expressa um funcionamento inconsciente onde não existe não (o que equivale a dizer que tudo é um sim), perdemos o principal da questão: saber sobre as condições de estabelecimento e de transitividade desse não. Perdemos também o verdadeiro sentido das interpretações psicanalíticas que acontecem por meio de um laborioso trabalho de um “aqui em dois” (Pontalis, 1991, p. 88), que abrem espaços “para esse estranho íntimo chamado desejo” (Pontalis, 1991, p. 12), preservando a singularidade psíquica do humano.

A expansão do aparato teórico sobre o trabalho do negativo alcança as diferentes instâncias do aparelho psíquico. Diz Green:

a análise nos leva a distinguir o não do Eu, o não do Supereu e o não do Id. Eu consideraria igualmente as incidências da *resposta* do objeto sobre a constituição das relações sim-não. (Green, 2010, p. 289, grifos nossos).

Os diversos sentidos apontados por Green (1993/2010) para o negativo – como “oposição” (um antagonismo), onde cada um quer fazer desaparecer o outro; como “contrários de valor equivalente e inverso”; como um “estado de uma coisa que continua existindo mesmo quando não é mais perceptível pelos sentidos”, uma “ausência”; ou como “tendo sido o que não é mais” ou a um “não tendo jamais chegado à existência”, um “nada” – interessam à psicanálise para referenciar leis inconscientes. Uma *oposição*, uma *ausência* e um *nada* mostram a existência das diversas relações de forças existentes no e para o funcionamento psíquico. Mostram também relações possíveis entre o psíquico e o somático, ou seja, as destinações pulsionais e a materialidade psíquica.

O estudo desse tema ganha importância em função do que, na clínica psicanalítica, tem sido descrito já há algum tempo como os casos limites da atualidade e se tornado gradativamente, mais e mais, objeto de observação e de compreensão dos analistas (Green, 1988c; Green, 2008a; Cardoso & Garcia, 2010; Carvalho, 2012). É conferida a esses casos a responsabilidade do alvoroço criado em torno da ideia de que a sexualidade pode ser colocada em um plano secundário nos processos de análise, deslocando a atenção para o funcionamento das atividades do Eu. Recolocada a questão, a clínica mais uma vez, e isso desde Freud, empresta-se para lembrar que é do sujeito que sofre que se trata. E nesse sentido, diversos posicionamentos teóricos, disputando sentidos e espaços, se enfrentam por intermédio daqueles que também ousam dialogar. Green foi um desses teóricos.

Dentre os caminhos possíveis para o desenvolvimento do tema do negativo em psicanálise, tomaremos como nosso o argumento desenvolvido pelo autor de que existe nos casos limites um fracasso do trabalho do negativo, gerando uma dependência ou uma tentativa de exclusão excessiva do objeto primário, que não pode ser perdido para ser reencontrado. Como consequência há, em diferentes escalas, a ação da função desobjetalizante sobre o psiquismo e sobre os objetos internos e externos, além de um prejuízo no desenvolvimento da função de simbolização.

Se o objeto não pode ser perdido, a função autoerótica também se estabelece mal. O autoerotismo tem como função sustentar uma operação de transitividade entre o objeto primário e a criança, até que o próprio corpo (físico e mental) da criança possa substituir o mundo externo. Nos casos limites, essa operação é falha e o objeto primário pode até ficar como que *entalado*: a criança nem está dele acompanhada nem pode largá-lo. Está preso naquilo que Green (2003, 2010) chama de analidade primária.

Das defesas primárias

Os estudos em torno das questões advindas da concepção de negativo e do ato de negar são fundamentais na psicanálise para sua concepção de sujeito e para a compreensão da constituição do psiquismo. Em psicanálise, toda ação psíquica pode ser considerada trabalho psíquico. E desse modo, o trabalho psíquico do negativo é aquele que vai garantir que um *não* possa ser considerado um limite e uma diferenciação para além de uma simples negativa.

No artigo denominado *A negativa*, escrito no adiantado de sua obra e, portanto, contemplando a organização psíquica da segunda tópica (Eu, Supra-Eu e Id) e da nova teoria pulsional (Eros e pulsão de destruição), Freud (1925/2007d) reserva um artigo especificamente sobre esse tema. Trata-se de um texto curto e complexo, onde ele apresenta a importância do *ato de negar*.

O “não” simbólico estaria na base da constituição do pensamento, da construção psíquica dos espaços interno/externo, das relações entre representação e afeto, do denominado teste de realidade e, finalmente, das relações existentes entre as pulsões (de vida e de destruição) e o trabalho do Eu para emitir juízos.

O “não” emitido como um juízo permite ao Eu deliberar sobre o que pode estar *dentro* ou *fora* dele mesmo, ou seja, deliberar sobre se algo que foi percebido pode ser acolhido ou expelido. Esse “não” também atua sobre a capacidade do Eu de discernir se algo que “está disponível na forma de uma representação (*Vorstellung*) pode ser *reencontrado* também na esfera da percepção (*Wahrnehmung*) (realidade)” (Freud, 1925/2007d, p. 149), conferindo à percepção uma condição de ser uma construção psíquica.

A percepção e a representação, inicialmente indiferenciadas, diferenciam-se em representação interna (subjetivo) e percepção (objetivo). É essa diferenciação que permitirá ao sujeito reencontrar o mundo (o objeto) conforme surja a necessidade. Isso é o que Freud chama de teste de realidade, que só “entrará em cena quando e se os objetos, que outrora trouxeram satisfação, já tiverem sido perdidos” (Freud, 1925/2007d, p. 149). O objeto da satisfação precisa ser perdido para ser reencontrado. Em ambos os casos, o “não” é considerado um importante vetor de constituição e delimitação de espaços internos e externos e constitui tempos diferenciados.

Freud diz que em ambos os casos, na perda e no reencontro, trata-se de uma questão de *dentro e fora*, reportando-se à construção de uma realidade que pode ser compartilhada, simbolizada. Essa operação resultará na destituição da supremacia do princípio de prazer em prol da realidade, cedendo lugar a uma realidade compartilhada e à custa de um adiamento de satisfações pulsionais. Processo, como se sabe,

nunca totalmente alcançado. Freud entende que o “não” simbólico é a garantia do Eu de que o processo de fazer surgir a função mental logrou êxito.

Se com o conceito de *negativa* Freud alcança os meandros do recalque, é com o conceito de *Verleugnung* (desmentida, renegação, rejeição) que ele traz à cena os mecanismos da *Spaltung* (cisão, divisão, clivagem), uma *Ichspaltung* (cisão do eu). Segundo Green (2010), o conceito de desmentida foi introduzido na obra freudiana em 1927/2007, em seu artigo *Fetichismo*. É um mecanismo de defesa que busca neutralizar a ameaça de castração.

Freud (1927/2007c) mostra o destino das ideias recusadas. Elas serão desmentidas, tendo como objetivo a manutenção da organização psíquica diante daquilo que, como conteúdo percebido, restou como ideia. A ação de desmentir sustenta a essência e a recusa da castração, a essência e a recusa do recalque. Trata-se de um mecanismo que permite a sustentação de uma ideia e de seu contrário.

No entanto, sustentar a ambiguidade seria o mesmo que dizer que o Eu pode dar conta de viver segundo as leis do inconsciente, ou seja, sem a presença do não. Freud fala então de uma solução de compromisso, de uma ação muito enérgica que precisa ser empreendida para sustentar a renegação da ideia percebida, qual seja, a cisão do Eu.

Essa divisão psíquica do Eu traz à luz duas realidades que coexistem lado a lado. Essa ideia está presente no capítulo VIII de seu texto intitulado *Esboço de Psicanálise* (1940[1938]/1996a). Nele Freud reafirma a divisão do Eu e a constituição de duas realidades: uma que leva em conta a realidade externa e outra que, sob uma influência pulsional, desliga o Eu da realidade. O desligamento diz de uma tentativa de manter a força despótica do Id de viver sob a égide do puro prazer. “A *negação* e a *simultaneidade* estão aqui ligados uma à outra. O preço – a divisão do eu – terá que ser pago” (Green, 1988b, p. 279, grifos nossos).

Trata-se de um processo complexo, pois o que Freud (1927/2007) está propondo é que mecanismos de organização psíquica até então descritos em pacientes estruturalmente diferentes - neurótico, perverso e psicótico - podem coexistir num sujeito normal. É o que vamos encontrar em seu artigo denominado *A cisão do eu no processo de defesa* (1938/2007), onde Freud relaciona a renegação a um trauma psíquico e um conseqüente “rompimento na tessitura do Eu”, que não mais cicatriza.

Green (2010) afirma que essa foi a primeira vez que Freud reuniu a esfera das perversões à das psicoses, permitindo uma diferenciação. Ele diz: “as desmentidas jamais são completas. Elas são acompanhadas da manutenção de um conhecimento – sem o qual não se poderia falar de verdadeira clivagem” (Green, 2010, p. 133). Além do mais, diz Green (2010), a partir do texto “O eu e o id” (1923/2007), o Eu passou a fazer parte de uma organização psíquica onde se precisa fazer referência

a um intrapsíquico e a um interpssíquico. O Eu, sendo o grande mediador de todos esses processos, deixa à mostra sua vulnerabilidade para tal.

Para Green (1993/2010), a cisão estaria mais ligada à manutenção de uma onipotência narcísica do que ao trabalho de *não* deixar ver o desejo que *não* pode ser mostrado (recalque). É, portanto, uma resistência mais contundente, pois combina o trabalho de resistir à manifestação do desejo deslocando a questão para o equilíbrio narcísico. Além de esconder “o que” foi recalcado, esconde também “o como”.

Lembremos que Freud (1938/2007a), a propósito do estabelecimento do mecanismo da cisão em um menino, relata o temor desenvolvido por ele de ser devorado pelo pai. A criança, na tentativa de manter sua onipotência, desenvolve um sintoma que pode fazê-lo deixar de existir. Pode-se pensar, nesse caso, que ele “experimenta” a possibilidade de uma morte iminente, bem como a ideia de que terá de ter uma força de contraataque igual ou superior àquela do pai, o que pode gerar nele um sentimento de impotência. Total desamparo.

É possível enxergar essa interpretação a partir de algumas palavras de Green:

A um desejo concebido usualmente como “perverso” acrescenta-se o temor de vê-lo assumir proporções de uma onda que varreria tudo o que se interpusesse entre ele e sua satisfação sem limite – transferindo então a perversão, como que para deslocá-la e voltá-la contra ela mesma, para aquele que decreta sua proibição. (Green, 2010, p. 139)

Só ao pai (a uma lei) é dado o poder de intervir sobre e proibir a força do desejo que tem como meta consumir-se até o fim, esgotado em sua própria morte. Dada a impossibilidade de o pai real desejar e realizar tal feito (engolir o filho), pensamos na possibilidade de tratar-se de um pai interno, bem mais poderoso e real, capaz de barrar a força e realização de seu próprio desejo e de também mantê-lo vivo. Se a operação recalcante nega esse desejo retirando dele sua carga afetiva, a operação da desmentida desloca e transfere o desejo “perverso” para um outro capaz de mantê-lo, ou seja, um outro poderoso o suficiente para realizá-lo em seu nome e protegê-lo.

O preço de tal operação pode ser sua própria “morte” psíquica, pois destituído de sua onipotência, que é deslocada a um outro, não tem mais sentido ter desejos, realizar desejos nem se sentir frustrado por não realizá-los. O não sentido caracteriza uma vida vazia que procura mais por si mesma do que pelas possíveis frustrações em não realizar-se eroticamente. O sentido, desse modo, está em manter o jogo da desmentida, crucial e absolutamente desinteressante na manutenção do jogo pulsional erótico. As pulsões eróticas, agora vinculadas às pulsões de vida, dessexualizam-se em prol da sobrevivência egoica. Dois gigantes se enfrentam pulsionalmente: a vida

e a morte. A satisfação pulsional aparece pelas vias dos sintomas que ameaçam a integridade egoica.

O Eu então se livra do conflito por meio de uma perversão: elege um objeto e paralisa a cena. A figura fixa, narrada e não historiada, pode ser entendida como um fetiche. E o fetiche, como sabemos, é uma criação que tem a “intenção de destruir a prova da possibilidade de castração de maneira a que o temor desta possa ser evitado” (Freud, 1940[1938]/1996a, p. 216). Desse modo, o “não” simbólico que permite a criação de espaços de trânsito, tão importante para a constituição do psíquico, perde-se em seu aniquilamento e naquilo que ainda resta de humano: o corpo.

Para Green (2010), uma autoridade é construída contra a satisfação do desejo, que se opõe ao próprio Eu sob a forma de um objeto empossado de uma capacidade de se tolher quanto à sua livre expressão. Esse trabalho é realizado por uma instância denominada de Supra-Eu. Se o trabalho do negativo se opõe às leis impostas pela satisfação pulsional, o Eu passa a se opor ao próprio objeto de satisfação, ou seja, ele faz ressurgir o desejo por meio de um objeto do desejo que age coercitivamente sobre sua liberdade. O Eu se vê obrigado a uma submissão a um objeto que não tem forma, não se deixa pensar ou figurar, pois é a própria encarnação de uma entidade legal interna coercitiva e até autopunitiva. Ao mesmo tempo, garantia de sua própria sobrevivência. Mas essa lei não defende um bem precioso, um valor, uma ordem ou uma ética. Ela sustenta perversamente a ilusão de uma onipotência narcísica.

Da função desobjetalizante e do narcisismo negativo

Green (1993/2010) propõe a expansão do sentido do trabalho do negativo dos mecanismos de defesa para a esfera das pulsões primárias, especialmente a pulsão de morte. Propõe discuti-la em termos da função desobjetalizante e do narcisismo negativo. Segundo o autor, o funcionamento psíquico normal se mantém por meio de uma oscilação permanente entre os efeitos das funções objetalizante e desobjetalizante (Green, 2008b). Esta afirmação procura abarcar o trânsito das pulsões de vida e de destruição, ambas conservadoras.

Freud (1911/1996) diz, em seu texto denominado “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia”, que o narcisismo é “um estágio do desenvolvimento da libido entre o auto-erotismo e o amor objetal” (Freud, 1911/1996b, p. 68). Acrescenta dizendo que o narcisismo talvez seja indispensável para um desenvolvimento normal do sujeito.

A leitura de Freud nos permite interpretar o narcisismo como tempos do desenvolvimento e da sustentação do Eu em que o sujeito consegue tomar a si próprio

como objeto amoroso até o ponto em que se põe disponível para uma escolha amorosa que não ele próprio. Podemos pensar o narcisismo como tempos de evidência do próprio amadurecimento do Eu no que se refere à sua capacidade para investir libidinalmente no mundo externo e se recolher dele.

Ligar e desligar a libido são mecanismos próprios do Eu. Algo que combina as “escolhas” homossexuais (identificatórias) e, posteriormente, heterossexuais. As palavras homossexuais e heterossexuais nesse momento podem ser entendidas como “escolhas” pré-genitais e genitais. Isso porque Freud (1911/1996) aponta para o fato de que, alcançado o estágio de escolha heterossexual,

as tendências homossexuais não são postas de lado ou interrompidas; ... Combinam-se com partes dos instintos do ego e, como componentes “ligados”, ajudam a constituir os instintos sociais, ... a amizade e a camaradagem. (Freud, 1911/1996, p. 69)

Compreender o que acontece no processo de constituição do narcisismo é de fundamental importância nos casos-limite, pois é consenso na literatura o fato de esses sujeitos apresentarem *falhas na constituição narcísica* e, como consequência, uma fragilidade nas fronteiras do Eu. O caminho que escolhemos para estudar essa falha constitutiva é aquele que reporta teoricamente ao que foi denominado de *fracasso do trabalho do negativo*, “o que envolve por sua vez dificuldades nas experiências de apagamento do objeto primário e resulta em prejuízos nos processos de simbolização” (Garcia, 2009, p. 106).

A partir dos escritos freudianos, Green (1988b) propõe ampliar as relações entre pulsão de vida e ligação e entre pulsão de morte e desligamento. Diz Garcia acerca do trabalho de Green:

A sua proposta nesse sentido é compreender a meta essencial da pulsão de vida como sendo a de garantir uma *função objetalizante*, isto é, criar relação com o objeto, interno e externo, assim como transformar estruturas em objeto. ... (garantindo) a simbolização. Em contrapartida, a meta da pulsão de morte é realizar uma *função desobjetalizante*. No desligamento que ela empreende são atacadas as relações com o objeto e também o próprio investimento. (Garcia, 2009, pp. 106-107, grifos nossos)

Estas funções – objetalizante e desobjetalizante - oscilam de um polo, que vai do amor de objeto à sublimação, a outro, onde a regressão revela uma substituição dos investimentos de objeto por investimentos narcísicos provenientes do objeto. A contribuição teórica de Green alcança o que ele chama de desinvestimento do próprio investimento, “chegando a uma última etapa cujos prolongamentos se perdem

no infinito (e) desinvestem o próprio Ego” (Green, 2008b, p. 271). A esse desinvestimento Green (2008b) denomina de narcisismo negativo, onde há o empobrecimento e até um sentimento de autodesaparecimento do Eu.

Segundo Green (2008b), o narcisismo negativo está relacionado à pulsão de morte e, portanto, tem como aspiração atingir um nível zero de excitação pulsional. Os efeitos do narcisismo negativo podem alcançar diferentes níveis de autoaniquilamento, àquilo que, talvez, possamos chamar de uma recusa narcísica, pois o Eu parece ser mantido por sua própria oposição.

A alucinação negativa da criança sobre a mãe: a perda do objeto primário

Freud (1925/2007d) nos trouxe a ideia de que a perda do objeto primário articula-se a uma negatividade constitutiva, possibilitando sua substituição por muitos outros objetos. Apresentando seus estudos em diálogo constante com a obra freudiana, Green (2010) traz à tona a função do objeto no trabalho do negativo e reapresenta um construto teórico que ele diz ser anterior ao nascimento da psicanálise: a alucinação negativa, que remonta aos momentos do hipnotismo.

Segundo o autor, a alucinação negativa (denegação de um objeto percebido como indesejável ou intolerável) é indispensável à constituição dos espaços psíquicos e nos remete ao estudo de suas relações com a percepção e com a representação inconsciente. *Alucinação negativa, percepção e representação inconsciente* se unem na obra de Green (2010) e mostram como o “objeto absolutamente necessário” precisa estar ausente para que ele possa ser simbolizado e inscrito no lugar daquilo que falta. “como um valor de troca e não como um objeto substituto” (Green, 1988b, p. 133).

Retomada a importância do objeto, Green (2010) faz uma importante diferenciação para que se possa pensar o trabalho do negativo. Ele diferencia o objeto desejante do objeto caução ou de enquadramento. Ele nos diz que a principal função do enquadramento e, portanto, do objeto caução é constituir a estrutura psíquica fazendo-se esquecer. O objeto caução é aquele que precisa ser perdido e reencontrado, e advém de um duplo processo: é “vítima” de uma alucinação negativa e precisa se fazer esquecer em sua função de enquadramento. E é produto da excorporação (ação do aparelho psíquico para expulsar aquilo que é sentido como dor e desprazer), produto de uma inibição de sua própria presença, “deixando-se perder e distanciar-se para reaparecer como objetos da atração e da repulsão”, em sua diferença (Figueiredo, 2004, p. 18).

Para Figueiredo (2004), a dupla função do objeto é paradoxal, pois ele está presente para despertar a pulsão e para contê-la e também para se fazer distante e substituível. Trata-se de sustentação das uma “presença ausente” inscrita no psiquismo como estrutura e vazia. Este vazio é o que permite as distâncias, ausências e falhas dos objetos sem que isto implique uma ameaça de aniquilamento da estrutura psíquica. Podemos pensar que este vazio, um espaço de possibilidades, é o que possibilita o trânsito psíquico. Segundo Green (2010), a alucinação negativa, aquela que cumpre a função de enquadramento, é, do ponto de vista do Eu inconsciente, uma “representação da ausência de representação” (Green, 2010, p. 211).

Vimos, então, que uma alucinação negativa nega uma perda que a realidade afirma e que a simbolização de um objeto está relacionada à sua ausência. É o que precisa acontecer com a criança em relação à sua mãe para que ocorra uma primeira diferenciação eu-não-eu e Eu-Id. O negativo constitui o Eu separado do Id e faz a mediação entre dois eus (o da mãe e o da criança). A capacidade da criança de apreender o objeto total e a consequente alucinação negativa dessa apreensão possibilita que o objeto possa ser colocado “fora”. Neste processo o mais fundamental, segundo Green (1988b), é a inversão das polaridades entre a criança e a mãe e o retorno contra si. Esta é tomada

no quadro vazio da alucinação negativa, e torna-se estrutura enquadrante para o próprio sujeito. O sujeito edifica-se ali onde a investidura do objeto foi consagrada ao invés de seu investimento. Tudo está então no lugar para que o corpo da criança possa vir a substituir o mundo externo (Green, 1988b, p. 135).

O corpo que foi inicialmente investido pelo objeto primário está pronto para ser o lugar de autoinvestimento e substituto do mundo externo. “O Isso criou investimentos de objeto de que o Eu se apossa” (Green, 1988b, p. 133). Entra em questão o autoerotismo, que marca um princípio de independência entre corpo e objeto. A pulsão torna-se autoerótica a partir do momento em que a criança perde o objeto de satisfação e se torna capaz de ver este objeto como um todo e não mais só parcialmente. A importância da constituição do autoerotismo diz da passagem de uma busca de satisfação “fora” para uma busca de satisfação “dentro”, ou seja, no próprio corpo da criança.

Para que o processo se instaure é necessário que o objeto primário cumpra a sua função de falhar, ou seja, ausentar-se para que ele possa sair da condição de objeto absoluto. A mãe precisa querer se separar, fazer-se esquecida. “A separação reconstitui este par sobre o próprio corpo do sujeito (permitindo-lhe) contentar-se consigo mesmo” (Green, 1988b, p. 120). Uma vez descoberto o próprio corpo como objeto que pode satisfazer a meta da pulsão, temos aqui um modo próprio de

satisfação pulsional. Freud (1915/2004) afirma que o objeto da pulsão é aquele por meio do qual a pulsão pode alcançar sua meta, a satisfação. É um elemento variável e não está originalmente vinculada a ela. “Em rigor, não é preciso ser um outro [*fremd*] objeto externo, pode muito bem ser uma parte do nosso próprio corpo” (Freud, 1915/2004, p. 149). Diferenciam-se as pulsões autoeróticas das pulsões sexuais.

O fracasso do trabalho do negativo: a dependência do outro e a autossuficiência nos estados-limite

Quando há um fracasso no trabalho do negativo encontramos repercussões diretas na constituição da imagem narcísica ou na constituição do pensamento, na construção dos espaços internos e externos, nas relações entre representação e afeto, no trabalho do eu para emitir juízo, alcançando o imprescindível teste de realidade. Quando esse trabalho fracassa entendemos que o objeto primário falhou em sua função de se fazer esquecer, de se ausentar. As principais consequências desse fato são: o fracasso para estabelecer o duplo limite (limite entre exterior e interior e limite entre as diversas instâncias do aparelho psíquico), o sentimento de angústia de separação e de intrusão, resultado de uma excessiva dependência do outro e/ou de uma necessidade de autossuficiência, a dificuldade para a realização do teste de realidade e a expressão do narcisismo negativo com o exercício da função desobjetalizante.

O estabelecimento do duplo limite acontece em dois momentos distintos: o *primeiro momento*, aquele que estabelece o limite entre o dentro e o fora, apresenta “a função intrínseca do objeto (como) paradoxal: o objeto está lá para estimular, para despertar a pulsão (autoerótica) e, ao mesmo tempo, para conter” (Green, 2010, p. 301). O objeto primário contém (“recolhe”) os excessos pulsionais intoleráveis e que são jogados indiscriminadamente para fora pela criança. Esses excessos são reintrojados no psiquismo da criança.

Partindo dos repetidos processos de reintrojeção do que foi expulso é que podemos falar no estabelecimento do *segundo momento*: forma-se o recalque. “O recalque trabalha a partir do mesmo modelo de aceitação e de recusa que foi instituído a partir da relação com o objeto externo, de modo que, no final, o que é bom e ruim para o Eu é o que era bom e ruim para o objeto” (Candi, 2010, p. 257). Se a relação dos objetos foi internalizada e o sim e o não introjetados, o recalque pode se beneficiar de um limite entre o consciente-pré-consciente-inconsciente.

Mas isso se estabelece mal nos casos-limite, pois a função de estimulação e a de contenção foram mal exercidas pelo objeto primário e, como consequência, mal

internalizadas pelo sujeito. Se a ação de contenção é mal estabelecida, torna-se figura o limite que se estabelece no nível intersubjetivo, que também não consegue fazer as devidas diferenciações entre o sim e o não e entre o dentro e o fora. Segundo Candi (2010), quando isso ocorre “o segundo limite se manifesta com toda sua potência produzindo clivagens, retraimento, denegações, identificações projetivas, características da lógica pulsional e do que chamamos do negativo do trabalho do negativo” (Candi, 2010, 258).

Trata-se de um modo de o sujeito se proteger de um excesso de excitações que não consegue ser contido pelas vias de sua relação com o mundo externo. As clivagens, nesse caso, não podem ser consideradas aquelas descritas por Freud como fundamentais para o desenvolvimento do psiquismo. Estas clivagens trabalham no sentido de impedir o trabalho de representação. O excesso de excitação volta a ser expulso indiscriminadamente sem que haja uma reintrojeção adequada.

Como consequência, “a expulsão inicial causa um buraco que não é integrado à cadeia dos pensamentos. Este vazio interno engolfante (...) se apresenta clinicamente sob a forma de um sentimento pontual de morte psíquica que se expressa nos brancos ou sensações de cabeça vazia” (Garcia, 2007, p. 133). O sujeito, então, pode alcançar aquilo que Green denomina de narcisismo negativo (Green, 1988a), aquele que aspira a um nível zero de excitação, ou seja, um estado de não ser, onde não faz sentido falar em desejo, apenas no trabalho da função desobjetalizante. Disso decorrem as angústias de separação e de intrusão.

Os estados-limite são caracterizados pela alternância entre o objeto perdido e o reconquistado, resultando em intensas angústias nas experiências de separação e de intrusão. Mas não se trata de uma angústia sinal e sim de uma angústia que mostra ao sujeito seu total desamparo. É como se nesses casos o *status* do objeto interno estivesse constantemente ameaçado, constantemente destinado a desaparecer por meio de uma fusão regressiva e por causa da fragilidade dos limites estabelecidos.

Contra esta ameaça, ou buscando a sobrevivência da perda, são realizadas tentativas para fazer existir o objeto a qualquer preço. Estas tentativas são necessárias no esforço contra os sentimentos de fragmentação. O sentido de segurança, mesmo que provisório, pode acontecer por meio de objetos substitutos: o próprio corpo do sujeito ou algum objeto do mundo externo (Green, 1973; Garcia, 2007). A alternância existe, desse modo, entre a ameaça de ser invadido pelo objeto engolfante e a de ficar sem a existência de um objeto de quem dependa para enxergar a realidade externa.

Figueiredo nos diz que para o bebê alcançar a triangulação, ele viverá a condição traumática de estar excluído da cena primária:

nossa tese ... é de que algo equivalente à cena primária está na origem dos transtornos *borderline*, desde que se entenda que esta experiência traumática

tenha ocorrido sob a dominância das relações diádicas, impedindo a aceitação mínima da realidade como limite, princípio de exclusão e de diferença. (Figueiredo, 2004, p. 510)

Ele não suporta a exclusão e a nega. E se pensarmos também o contrário? Será que não pode ser justamente a crença em sua própria exclusão e diferença, ainda em condições muito incipientes e, portanto, “onipotentes”, que fez o paciente limite se manter preso a uma condição traumática de exclusão e de desamparo? Não estaria ele fixado nessa excessiva realidade e, como consequência, também fixado na cisão entre o absoluto idealizado (outro) e o nadificado (ele mesmo)? Pensamos que essa pode ser também uma hipótese de trabalho clínico, principalmente se pensarmos naqueles que se isolam e não sabem como se incluir nas relações. E, desse modo, podemos pensar que existem sujeitos que recusam a exclusão e diferença e outros que acreditam nela de forma extremada.

A dificuldade ou impossibilidade de realizar o processamento da realidade de modo a sustentar um movimento contínuo entre o autoerotismo e a relação objetal, constituindo e atualizando o narcisismo saudável, pode alcançar aquilo que Green (1988b) chama de narcisismo negativo, com a ação da função desobjetalizante, aquela que ataca as relações com o objeto e o próprio investimento objetal. Quando a função desobjetalizante alcança uma supremacia sobre a função objetalizante há uma preponderância de separação entre as pulsões de vida e de morte. Nesse caso,

a desintração se apresenta sob a forma de angústias catastróficas ou impen-sáveis, de temores de aniquilamento, de desmoronamento, de sentimentos de futilidade, de desvitalização, de morte psíquica, de sensações de abismo e de buracos sem fundo. Estas manifestações expressam o trabalho do negativo na sua radicalidade (Garcia, 2009, p. 112).

A função desobjetalizante ataca os próprios investimentos, o que significa um ataque às funções objetalizantes que possibilitam a constituição do psiquismo, do pensamento e dos processos de simbolização. Lançado à “morte psíquica” o sujeito limite vive as sensações de abismo e de aniquilamento. Aspirar a um nível zero de excitação pulsional pode ser o caminho para que ele se livre das angústias catastróficas. O nível zero de excitação pulsional é o que se pode chamar de trabalho negativo das pulsões de destruição em sua expressão máxima.

Existe, no entanto, uma manifestação do trabalho do negativo patológico que não alcança essa expressão máxima de desobjetalização. Segundo Garcia (2009), à medida que o objeto não pode ser negativado ou esquecido, ele

adentra-se na esfera da dialética expulsiva que aqui se apresenta como a face patológica do trabalho do negativo como excorporação. Sem possibilidade de separação, o objeto não pode ser engolido ou cuspidado e fica, portanto, entalado, *obstipado*. (Garcia, 2009, p. 111, grifos nossos).

O amor/ódio do sujeito ataca o objeto e a ele mesmo e expressa essa impossibilidade de expulsá-lo ou de evacuá-lo naquilo que ele pode e precisa ser esquecido. O sujeito não pode expulsar ou evacuar, porque não sabe o que deve ser expulso ou evacuado e o que deve ser mantido. A excorporação é indiscriminada. Este trabalho do negativo patológico demarca o que Green (1993/2010) denomina de analidade primária.

Nesses casos, trata-se menos de problemas relacionados à constituição e reconhecimento da imagem corporal (oralidade), embora isso possa estar associado, e mais dos problemas advindos da esfera do julgamento e, como consequência, do processamento da realidade. As questões relacionadas ao risco, aos “ensaios” da vida, não podem ser vividos como tentativas. Ou é acerto ou é erro. Entendemos que a contribuição desse conceito está em sua condição de ser primário, como se pudéssemos falar em uma oralidade e uma analidade primárias. Em ambos os casos o que está em foco são as questões relacionadas à constituição do autoerotismo e do narcisismo.

Del negativo en Freud y Green:

contribuciones al estudio de los casos-límite

Resumen: Las contribuciones teóricas de Freud y Green derivadas de la concepción del negativo en psicoanálisis permiten la profundización de la comprensión del funcionamiento psíquico de los casos-límite descritos en la actualidad. Partiendo de la noción del “no” simbólico para Freud y de su importancia para la constitución del pensamiento, alcanzamos el concepto de “trabajo del negativo” en Green. El trabajo del negativo cumple, entre otras, una importante tarea de realización de la pérdida del objeto primario, proceso crucial para la prueba de la realidad. En los casos-límite habría un fracaso en el trabajo del negativo, generando una dependencia o un intento excesivo de exclusión del objeto primario, que no se puede perder para ser recuperado. Como consecuencia, el autoerotismo se instala mal, habiendo expresiones del narcisismo negativo con el ejercicio de la función desobjetalizante.

Palabras-clave: trabajo del negativo, casos límite, narcisismo negativo, autoerotismo.

On the negative in Freud and Green:

contributions to the study of borderline cases

Abstract: The theoretical contributions of Freud and Green found in the conception of negative in psychoanalysis allow a deeper understanding of the psychic functioning of the borderline cases. Based on the notion of the symbolic “no” in Freud and on its importance for the constitution of thought, we arrive to the notion of “work of the negative” in Green. The work of the negative accomplishes, among others, an important task: to realize the loss of the primary

object, a crucial process for reality testing. In borderline cases there would be a failure in the work of the negative, creating a dependency or an excessive attempt of exclusion of the primary object, which cannot be lost to be regained. As a consequence, the self-erotism establishes badly, with negative expressions of narcissism along the exercise of the deobjectifying function.

Keywords: work of negative, borderline, negative narcissism, self-erotism.

Referências

- Candi, T. (2010). *O duplo-limite – o aparelho psíquico de André Green*. São Paulo: Escuta.
- Cardoso, M.R. & Garcia, C. A. (2010). *Entre o eu e o outro – espaços fronteiriços*. Curitiba: Juruá.
- Carvalho, M.T.P. (2012). *Psicoterapia dos estados-limite*. Disponível em www.placebo.pt. Lisboa: Placebo.
- Figueiredo, L.C. (2004). Os casos-limite: senso, teste e processamento de realidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 38 (3), 503-519.
- Freud, S. (1996a). Esboço de psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Jayme Salomão, trad., Vol. 23, pp. 157-221). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940[1938])
- Freud, S. (1996b). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Jayme Salomão, trad., Vol. 12, pp. 15-89). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (2004). Pulsões e destinos das pulsões. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Obras psicológicas de Sigmund Freud*. (Luiz Alberto Hanns, trad., Vol. 1, pp. 133-162). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2007a). A cisão do eu no processo de defesa. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Obras psicológicas de Sigmund Freud*. (Luiz Alberto Hanns, trad., Vol. 3, p. 171-180. Tradução: Luiz Alberto Hanns (org.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1938)
- Freud, S. (2007b). O eu e o id. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Obras psicológicas de Sigmund Freud*. (Luiz Alberto Hanns, trad., Vol. 3, pp. 13-92). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2007c). Fetichismo. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Obras psicológicas de Sigmund Freud*. (Luiz Alberto Hanns, trad., Vol. 3, pp. 159-170). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (2007d). A negativa. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Obras psicológicas de Sigmund Freud*. (Luiz Alberto Hanns, trad., Vol. 3, pp. 145-157). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Garcia, C.A. (2007). Os estados limite e o trabalho do negativo: uma contribuição de A. Green para a clínica contemporânea. *Revista Mal-estar e subjetividade*, 7 (1), 123-135. Fortaleza.
- Garcia, C.A. (2009). O silêncio no psiquismo: uma manifestação do trabalho do negativo patológico. *Cad. Psicanál. CPRJ*, 31 (22), 105-117. Rio de Janeiro,
- Green, A. (1973). Affect in clinical structures. In A. Green, *The fabric of affect in the Psychoanalytic discourse*. New York: Routledge.
- Green, A. (1986). A posteriori, lo arcaico. *Rev. Psicoanal. (Arg.)*, 43 (4), 729-751.
- Green, A. (1988a). *Narcisismo de vida – Narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.

- Green, A. (1988b). Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In A. Green et al., *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta.
- Green, A. (1988c). *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A. (1990). *Conferências brasileiras de André Green – metapsicologia dos limites*. Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A. (2003). A analidade primária na relação anal. In B. Brusset & C. Couvreur, *A neurose obsessiva*. São Paulo: Escuta.
- Green, A. (2008a). Gênese et situation des états limites. In J. André, *Les états limites – nouveau paradgme pour la psychoanalyse?* Paris: PUF.
- Green, A. (2008b). *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A. (2010). *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artmed.
- Pontalis, J. B. (1991). *Perder de vista – da fantasia de recuperação do objeto perdido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Márcia Teresa Portela de Carvalho
SQN 116 Bloco “F” ap. 313
70773-060 Brasília, DF
cptmarcia@brturbo.com.br

Terezinha de Camargo Viana
SQN 208 Bloco “B” ap. 603
70853-020 Brasília, DF
tcviana@unb.br